

Saco de gatos embalado por uma película

Cinco episódios do filme não envolveram o público

Oswaldianas, longa exibido na mostra competitiva de 35mm na noite de sábado, é um verdadeiro saco de gatos. Em nenhum momento chega a envolver o público. Não tem unidade — na verdade são cinco episódios dirigidos por cinco diretores diferentes — e na sua diversidade não chega a traçar um perfil muito rico do personagem a quem é dedicado, Oswald de Andrade. É um filme para fãs de Oswald tão somente.

Os melhores episódios são os de Roberto Moreira (*A Princesa Rada*) e de Julio Bressane (*Quem Seria o Feliz Conviva de Isadora Duncan?*). Roberto Moreira investe na antropofagia *stricto sensu*. Traça um painel rico em sugestões do que seria o antropófago anterior à civilização. Tem alguma proximidade com o *Macunaíma* de Joaquim Pedro de Andrade, principalmente no que diz respeito à tradução em imagens da antropofagia. A segunda parte do filme de Roberto Moreira, em preto-e-branco, tem boa fotografia e o *squetch* narrado chega a envolver o público.

O episódio de Bressane tem como um dos pontos altos as belíssimas imagens da Baía de Guanabara, assinadas por José Tadeu Ribeiro. Giulia Gam também está excelente como Isadora Duncan. E foi o único dos cinco episódios que mostrou alguém parecido com Oswald na tela. Bressane demonstra uma peculiar direção de atores também e uma decupagem de cena

que é só sua. O episódio é fragmentado como é do seu estilo, mas cativa pela poesia e pela sensibilidade. Além do inusitado em cena.

Perto do episódio que o segue, porém, (*Daisy das Almas deste Mundo*, de Lúcia Murat) o filme de Bressane parece meio preguiçoso. Não tem final e não tem começo. Já o episódio de Lúcia Murat parece que nunca acaba. É muito lento. O episódio de Inácio Zatz e Ricardo Dias é o que mais empatia com o público causa. E não é para menos, afinal o tema são os programas de auditório. A grande sacada é o grupo performático que imita uma tela de Tarsila do Amaral. É o episódio mais fechado, mais amarrado, mas também o de concepção mais simples, mais banal. E o último episódio, de Rogério Sganzerla, é cansativo. A narrativa é fragmentada, mas não tem a poesia de Bressane. Tampouco o impacto do Sganzerla de outros tempos.

Curtas — A grande atração da noite de sábado foi o curta *Nayara, A Mulher Gorila*, de Marta Nassar. O filme é ótimo. Imagens sugestivas e um texto envolvente e declamado com maestria por Julio Calasso prendem a atenção do público do início ao fim. As imagens estão todas calcadas na expressão corporal e facial de Maura Baiocchi e se ela não levar o prêmio de melhor atriz de curtas este ano, vai ser uma tremenda injustiça. Impressionante como *Nayara* consegue causar repulsa por mera sugestão. Um pouco como o que Jorge Furtado fez em *Ilha das Flores*. Degradação e repugância mostrados de forma asséptica.

O outro curta da noite, *A Chico Mendes*, é nitidamente um filme de músico — o diretor, Aluizio Didier, é arranjador da Globo. Faltam mais sacações de cinema, apesar de algumas belas imagens fotografadas por Cesar Moraes e da trilha envolvente de Didier. A proposta de mostrar Krajberg trabalhando é excessivamente primária. Vale como registro da contundente obra de Krajberg, mas falta respirar mais cinema.